



ARAÚJO, Maria Eduarda Paiva de; SILVA, Fabio Mario da. A
memoração onírica dos mortos na poesia de Wisława Szymborska.
Revista Épicas. N. 17 – jun 25, p. 90-101.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v17.90101>

A MEMORAÇÃO ONÍRICA DOS MORTOS NA POESIA DE WISŁAWA SZYMBORSKA

THE DREAM MEMORATION OF THE DEAD IN THE POETRY OF WISŁAWA SZYMBORSKA

Maria Eduarda Paiva de Araújo¹
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Fabio Mario da Silva²
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de explorar, por meio da análise dos poemas “Vida difícil com a memória” (*Um amor feliz*, 2016), “Enfim a memória” e “Conchavos com os mortos” (*Para o meu coração num domingo*, de 2020), a memoração dos mortos e o seu caráter onírico na poesia da escritora polonesa Wisława Szymborska. A análise é fundamentada em diferentes conceitos e estudos acerca da memória e nas contribuições da psicologia analítica junguiana voltadas para a natureza simbólica dos sonhos. Ao traçar um diálogo entre memória e sonho, é possível compreender a maneira como o mundo onírico possibilita o contato com os mortos na poesia szymborskiana.

Palavras-chave: Wisława Szymborska; Memória; Sonhos; Memoração dos mortos.

ABSTRACT: This article aims to explore, through the analysis of the poems “Vida difícil com a memória” (*Um amor feliz*, 2016), “Enfim a memória” and “Conchavos com os mortos” (*Para o meu coração num domingo*, 2020), the memoration of the dead and its dreamlike features in the poetry of Polish writer Wisława Szymborska. The analysis is based on different concepts and studies about memory and on the contributions of Jungian analytical psychology focused on the symbolic nature of dreams. By establishing a dialogue between memory and dreams, it is possible to understand how the dream world enables contact with the dead in Szymborskian poetry.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: maria.epaiva@ufrpe.br.

² Pós-doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e em Estudos Portugueses pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: fabio.mario@ufrpe.br.

Keywords: Wisława Szymborska; Memory; Dreams; Memoration of the dead.

Introdução

Wisława Szymborska (1923-2012) é uma das poetisas polonesas mais conhecidas da atualidade. Nascida no vilarejo de Bnin, região de Poznan, Szymborska mudou-se, ainda na infância, para Cracóvia, onde estudou literatura e sociologia na Universidade Jaguelônica. Publicou, em vida, doze coletâneas de poemas e três coletâneas de resenhas, escritas durante o seu trabalho na revista literária *Życie Literackie*. Em 1996, recebeu o prêmio Nobel de literatura pelo conjunto de sua obra.

No Brasil, Szymborska ganhou maior notoriedade após a publicação dos três livros de poesia publicados pela Companhia das Letras: *Poemas* (2011), *Um amor feliz* (2016) e *Para o meu coração num domingo* (2020). Regina Przybycien é a responsável pela tradução dos poemas dos dois primeiros volumes e conta, no terceiro volume, com a parceria de Gabriel Borowski, professor de literatura brasileira e tradução da Universidade Jaguelônica, para traduzir mais alguns poemas da escritora polonesa e apresentar novas facetas da sua produção.

No prefácio do terceiro volume, publicado em 2020, Przybycien e Borowski comentam sobre a possibilidade de explorar o universo poético de Szymborska por meio de um novo olhar, percebendo como a mitologia, a história, a antropologia, o cotidiano e as experiências do mundo onírico, ou seja, do mundo dos sonhos, inspiraram a criação dos seus poemas e neles estão presentes (PRZYBYCIEN & BOROWSKI, 2020, p. 13). O que é anunciado pelo prefácio da obra logo se confirma ao longo da leitura dos poemas selecionados: os sonhos e a morte são, de fato, temas recorrentes no terceiro volume da poesia szymborskiana publicado no Brasil. No entanto, não se fazem presentes apenas nele. Temos, ainda, poemas como “Vida difícil com a memória”, publicado no segundo volume.

Segundo Przybycien e Borowski (2020, p. 14), o mundo onírico na obra poética de Szymborska pode representar um espaço de liberdade frente às limitações do mundo real, possibilitar o contato com os mortos ou tornar-se pesadelo no retrato de um mundo distópico que “sufoca a criatividade e a invenção”. É com base na possibilidade de contato com os mortos que esta pesquisa é desenvolvida. Pretende-se, então, compreender como os sonhos, o contato com os mortos e a memória se entrelaçam nos poemas szymborskianos.

Para isso, serão abordados diferentes conceitos e estudos acerca da memória, envolvendo as contribuições da professora e estudiosa alemã Aleida Assmann (2011), do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) e da psicóloga e professora brasileira Ecléa Bosi (1994), além das contribuições do fundador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung (1987), acerca da natureza simbólica dos sonhos.

1. Memória, sonhos e mortos: um estudo teórico

De acordo com Assmann (2011, p. 37), a memorização dos mortos é o núcleo antropológico da memória cultural. Existe, portanto, uma tarefa culturalmente incumbida aos vivos: guardar na memória os nomes dos seus mortos e passá-los às gerações futuras. Ao pontuar o significado da recordação dos mortos nas duas lendas relacionadas ao poeta grego Simônides de Keos, como caso paradigmático da memória cultural, Assmann traz à tona duas narrativas da tradição ocidental que reforçam a responsabilidade dos vivos em relação aos mortos. Na primeira lenda, Simônides assume a tarefa de honrar o lutador Skopas durante uma festa em sua casa. Em seu canto lírico, além da parte dedicada ao louvor a Skopas, Simônides dedica uma longa passagem aos deuses. Skopas reage dizendo ao poeta grego que ele só receberia a metade acordada, pois a outra ele deveria pedir aos deuses. No momento em que isso acontece, Simônides é chamado para fora da sua residência por dois desconhecidos, mas não encontra os seus rastros ao sair. Então, uma tragédia acontece: o salão de festas de Skopas desaba, soterrando o anfitrião e seus convidados. O poeta grego recebe, assim, o pagamento dos deuses: ele é o único sobrevivente da tragédia.

No entanto, a sua história não acaba no louvor que conquistou para si, um outro papel importante passa a ser desempenhado por Simônides. Por ter memorizado a ordem exata em que os convidados estavam dispostos no salão, ele foi capaz de identificar cada um dos corpos soterrados, possibilitando que os familiares enterrassem os seus mortos. Dessa forma, além do significado atribuído pela perspectiva da mnemotécnica, a contribuição de Simônides “foi eternizada na lenda como o poder que a memória humana teria sobre a morte e a destruição” (ASSMANN, 2011, p. 40).

Já na segunda lenda, Simônides, ao se deparar com um corpo não sepultado, interrompe uma de suas viagens por terras estrangeiras para cuidar do sepultamento de um desconhecido. Na noite seguinte, o fantasma do morto lhe aparece em sonho (reforçando o sonho como meio de contato com o além) e o alerta sobre uma viagem de barco que estava em seus planos. Por não seguir com a viagem graças ao aviso do fantasma, Simônides descobre que o barco que iria navegar teve problemas no mar e afundou. Nas duas lendas, o salvamento do poeta é a sua recompensa por respeitar e guardar os mortos, por lembrar de cada um dos seus nomes, por honrá-los. Esse é um princípio básico do processo de memorização dos mortos, presente nas mais diversas sociedades e das mais diversas formas.

Afinal, segundo Halbwachs (1990, p. 74), a morte, que representa o fim da vida fisiológica, não interrompe a corrente de pensamentos no interior do círculo em que vivia aquele cujo corpo desapareceu. O corpo desaparece, mas a imagem evocada pela memória dos nossos mortos não:

Algum tempo ainda nós o imaginamos como se ainda vivesse, ele permanece engajado à vida quotidiana, imaginamos o que ele diria e faria em tais circunstâncias. **É depois da morte de alguém que a atenção dos seus se fixa com maior força sobre sua pessoa.** É então, também, que sua imagem é a menos nítida, que ela se transforma constantemente,

conforme as diversas partes de sua vida que evocamos. **Em realidade, nunca a imagem de um falecido se imobiliza.** À medida em que recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela. Tudo o que aprendo de novo sobre meu pai, e também sobre aqueles que foram ou estiveram em relação com ele, todos os novos julgamentos que faço sobre a época em que ele viveu, todas as novas reflexões que faço, à medida que me torno mais capaz de pensar e que disponho de mais termos de comparação, inclinam-se a retocar seu retrato. **É assim que o passado, tal como me aparecia outrora, enfraquece-se lentamente.** As novas imagens recobrem as antigas como nossos parentes mais próximos se interpõem entre nós e nossos ascendentes longínquos, se bem que, destes, conhecemos apenas aquilo que aqueles nos confiam (HALBWACHS, 1990, p. 74, grifos nossos).

Halbwachs, ao refletir especialmente sobre a memória coletiva e o caráter social da reconstrução do passado, aborda a temática da morte por meio da perspectiva daquilo que não podemos imobilizar: a imagem de uma lembrança, de um passado e, conseqüentemente, a imagem dos nossos mortos. É por meio da morte que a imagem dos mortos parece adentrar de maneira mais profunda o pensamento dos vivos. Essa profundidade de pensamentos e lembranças não consiste em uma imobilização. Como qualquer tipo de memorização ou evocação do passado, a memorização dos mortos recria a imagem dessas pessoas, não as imobiliza. Está, portanto, em constante transformação, de acordo com as construções e condições do presente.

Ainda que se fale em enfraquecimento do passado, que se esvai lentamente, ainda que a imagem de um falecido perca a sua nitidez com o passar do tempo, ainda que o seu retrato ganhe novos retoques, ainda que algumas de suas lembranças sejam apagadas, ainda que só existam as lembranças confiadas a nós, e não as lembranças vividas por nós, enquanto houver testemunhas da existência dos nossos mortos, enquanto existir guardiães de seus nomes e de suas histórias, a morte continua sendo apenas fisiológica. A importância do grupo familiar, destacada por Halbwachs, na reconstrução do passado, “advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas” (BARROS, 1989, p. 33-34).

Ainda sobre as lembranças de família, dessa vez, nas palavras de Éclea Bosi, vejamos mais algumas reflexões:

Os parentes se afastando e morrendo, as testemunhas desaparecendo, a imagem empalidece, as lacunas crescem. Em cada fase da vida vão se alterando de leve os traços do parente em nossa lembrança.

A imagem de nosso pai caminha conosco através da vida. Podemos escolher dele uma fisionomia e conservá-la no decurso do tempo. Ela empalidece se não for revivida por conversas, fotos, leituras de cartas, depoimentos de tios e avós, dos livros que lia, dos amigos que frequentava, de seu meio profissional, dos fatos históricos que viveu... Tudo isso nos ajuda a constituir sua figura. Meu pai me ofereceu de si muitas imagens até sua morte. Guardarei apenas a última, a de suas horas derradeiras? Ou recuarei no tempo em busca de imagens mais juvenil. Vejo que sua figura não cessa de evoluir: **ela caminha ao meu lado e se transforma comigo.** [...] Nos velhos retratos, o impacto da figura viva vai-se apagando, ou vai sendo avivada, retocada (BOSI, 1994, p. 426, grifo nosso).

Temos, novamente, o tema da memoração dos mortos apoiada na perspectiva da reconstrução do passado vista em Halbwachs. A maneira como conservamos a imagem dos nossos antepassados é definida tanto pela forma particular como concebemos as nossas memórias quanto pela dimensão social que temos delas, da nossa relação com o outro, com o mundo, com os objetos e os espaços de memória, com tudo que reaviva a lembrança dos que se foram. Reaproveitando as palavras de Bosi, os nossos mortos caminham ao nosso lado ao mesmo tempo que se transformam conosco. Conservar a imagem deles na nossa memória não é conservar o próprio morto, mas a imagem que se tem e que se constrói dele por meio de diversos processos de reavivamento, de recordação.

Entre esses diversos processos, há aquele que atua em nosso inconsciente, aquele que atravessa o mundo onírico, o dos sonhos. Não raras vezes ligamos as nossas lembranças aos nossos sonhos. Efetivamente, sonhamos com os nossos mortos, vemos os seus rostos, ouvimos as suas vozes, desafiamos a sua ausência. Pensar a memória, que já apresenta um caráter múltiplo e fluido, por meio do sonho, é entrar em um campo ainda mais movediço. Partindo da ideia de que os sonhos envolvem acontecimentos que não fazem parte do “real”, que não são vividos no mundo vígil (HALL, 1997, p. 29), a presença de pessoas mortas em sonhos é, sem dúvidas, uma presença comum. É o que não pode ser vivido no mundo real sendo experienciado por meio do mundo das quimeras.

Os sonhos consistem, segundo Jung (1987, p. 26), no mais fecundo e acessível campo de exploração para aqueles que desejam investigar a capacidade de simbolização do ser humano. O aspecto inconsciente de um acontecimento, como a morte de alguém, pode, por exemplo, ser revelado a nós por meio do sonhar. Essa revelação não acontece de forma racional, mas de forma simbólica, por meio de imagem. Na concepção junguiana, os sonhos têm a função de compensar e complementar as visões limitadas da realidade do ego vígil (HALL, 1997, p. 33).

A ideia de compensação de Jung dialoga com a ideia apresentada por Przybycien e Borowski ao abordarem, no prefácio do volume *Para o meu coração num domingo* (2020), a temática dos sonhos na poesia de Szymborska como representação de um espaço de liberdade frente aos limites do mundo real (ou mundo vígil) e como forma de possibilitar o contato com os mortos, ou seja, como formas compensatórias e simbólicas. A tradutora e organizadora da edição portuguesa de Szymborska, Teresa Swiatkiewicz (2023, p. 121), além de observar traços introspectivos e autobiográficos na poesia da poeta polonesa, também observa como a morte torna-se filão de sua obra, principalmente as de 1945, que, por vezes, evocam aqueles que não habitam mais o nosso mundo.

Entender os sonhos e sua relação com a memoração dos mortos ou entender como nossas recordações e objetos de recordação se fazem presentes em sonhos é entender como essa é uma prática que caminha naturalmente entre o consciente e o inconsciente, o individual e o coletivo, o conhecido e o desconhecido. O objetivo não é tratar o mundo onírico como parte de um caso clínico,

essa é a tarefa das áreas especializadas que desenvolveram os estudos aqui mencionados. Estes servem apenas para nos ajudar a compreender a natureza simbólica da linguagem dos sonhos frente à natureza simbólica de uma outra linguagem, a literária.

2. Memórias, sonhos e mortos: uma análise

Segundo Paulo Henriques Britto (2000, p. 125), a memória individual, que consiste em um repertório de causas, explicações e justificativas, permite que o poeta lírico crie um mito pessoal de individualidade única e singular ao mesmo tempo que permite que o leitor, em um processo de identificação, constate que também seu eu, tão único e singular quanto o do poeta, tem algo em comum com ele: sentimentos, vivências, lembranças. Ambos compartilham a base comum da condição humana. São esses sentimentos, essas vivências e lembranças tão comuns e, ao mesmo tempo, tão singulares que podemos identificar na poesia da escritora polonesa Wisława Szymborska.

Szymborska, com sua obra marcada tanto pela simplicidade do cotidiano e de expressões cotidianas quanto pela densidade de reflexões filosóficas, sem cair no trágico ou no patético, como aponta Przybycien (2005, p. 27), parece ter encontrado o tom lírico adequado para seu projeto literário. Soube das limitações da sua poesia, não buscou abarcar um ideal nacional, nem quis representar a existência humana em sua completude – ninguém seria capaz disso. É pela exploração de seus próprios limites, com doses de ironia e humor, que Szymborska é fundamental para a compreensão do mundo e da existência humana de quem tem a chance de enxergar a si mesmo e o outro por meio de uma poesia que dialoga com as mais diversas faces do cotidiano.

Nos primeiros versos do poema “Enfim a memória”, publicado originalmente no livro *Sto pociech (Muito divertido)*, de 1967, podemos perceber que a palavra “memória” faz referência a um processo de memorização dos pais do eu lírico (“Encontrei minha mãe. Avistei meu pai”), mas é só nos versos seguintes que temos a constatação de que esses pais estão mortos (“Eram meus novamente, vivos de novo para mim”):

Enfim a memória tem o que procurava.
Encontrei minha mãe. Avistei meu pai.
Sonhei para eles uma mesa, duas cadeiras. Sentaram-se.
Eram meus novamente, vivos de novo para mim.
Com as duas lâmpadas de seus rostos no crepúsculo
brilharam como para Rembrandt.

Só agora posso contar
em quantos sonhos vagaram, em quantas multidões
de sob as rodas os retirei,
quantas vezes agonizaram nos meus braços.
Cortados, cresceram tortos.
O absurdo os obrigou a disfarces.
Que importa que não lhes tenha doído além de mim

se lhes doía em mim.
A turba sonhada me ouvia chamar “mamãe”
para algo que pulava nos galhos piando.
E se ria do laço na cabeça de meu pai.
Eu acordava envergonhada. (SZYMBORSKA, 2020, p. 54)

O que faz, então, com que os pais mortos do eu lírico estejam vivos novamente? O contato possibilitado pelos sonhos (“Sonhei para eles uma mesa, duas cadeiras. Sentaram-se”). Não estamos, portanto, diante de qualquer tipo de memoração ou de memória. Estamos diante da memória evocada por meio dos sonhos, que se realiza no contexto daquilo que pode ser vivido fora do mundo real ou vigoil. É somente no mundo onírico que o eu lírico é capaz de encontrar e avistar os seus entes queridos (“Eram meus novamente, vivos de novo para mim”).

Em meio ao seu deslumbramento por ter aquilo que procurava, os seus pais de volta, o eu lírico, na segunda estrofe, retoma e relembra todos os outros sonhos em que seus pais vagaram. Sonhos que são puramente quimeras, com imagens que se confundem entre si. Sonhos que reafirmam a sua natureza absurda ao mesmo tempo que se misturam à agonia e à dor do eu lírico frente à perda de seus pais: “quantas vezes agonizaram nos meus braços. / Cortados, cresceram tortos. / O absurdo os obrigou a disfarces. / Que importa que não lhes tenha doído além de mim / se lhes doía em mim”.

Sonhava, ainda, com algo que pulava nos galhos piando, a quem chamava de “mamãe”, e ria do laço na cabeça de seu pai. Essas imagens aparentemente confusas, fragmentadas e distorcidas revelam a natureza própria dos sonhos, aquilo que Jung chamou de “fantasias inconscientes, evasivas, precárias, vagas e incertas do nosso inconsciente” (1987, p. 25) e que causava no eu lírico vergonha por serem, talvez, difíceis ou estranhas demais para serem ditas, expostas. Falamos, assim, de uma memória que é atravessada pela linguagem precária, vaga e incerta dos sonhos.

Nas últimas estrofes, o eu lírico retoma o deslumbramento do sonho e da memória evocados nos primeiros versos. Após tanto desejar a imagem viva e clara de seus pais, liberta dos absurdos dos sonhos, o eu lírico chega, enfim, à memória que buscava de seus mortos. Em uma noite comum, de uma sexta-feira qualquer para sábado, eles “chegaram de repente como eu os queria”:

E enfim.
Numa noite comum
de uma sexta-feira qualquer para sábado,
chegaram de repente como eu os queria.
Sonhei com eles, mas como se libertos dos sonhos,
obedientes só a si mesmos e a mais nada.
No fundo do quadro se apagaram todas as possibilidades,
os acidentes perderam a forma necessária.
Só eles brilhavam, belos porque parecidos.
Me apareceram felizes, felizes para sempre.

Acordei. Abri os olhos.

Toquei o mundo como a uma moldura entalhada. (SZYMBORSKA, 2020, p. 54)

Ainda que o sonho chegue ao fim e que o inevitável mundo do real seja despertado, a felicidade contemplada pela memória dos pais mortos não termina. O mundo passa a ser representado como uma moldura entalhada –a memória permanece enquanto recordação: “Nos velhos retratos, o impacto da figura viva vai-se apagando, ou vai sendo avivada, retocada” (BOSI, 1994, p. 426). No poema de Szyborska, a figura dos pais é avivada, é retocada. Ela brilha, tem vida através da constatação de uma possível felicidade, no plano quimérico, das figuras maternal e parental. Por isso, a necessidade do quadro fixo da imagem dos pais, como uma espécie de consolo e alento ao sujeito que fica e que, por meio da memória, positiva e feliz, é acalentado. A memorização serve como consolo e exercício diário no sentido de tornar presentes essas figuras de apego.

No segundo poema da análise, o poema “Conchavos com os mortos”, publicado originalmente no livro *Ludzie na móscie (Gente na ponte)*, de 1986, a temática dos sonhos e dos mortos pode ser vista mais uma vez:

Em que circunstâncias você sonha com os mortos?
Pensa neles com frequência antes de adormecer?
Quem aparece primeiro?
É sempre o mesmo?
Nome? Sobrenome? Cemitério? Data do óbito?

O que liga vocês?
Uma antiga amizade? Parentesco? Pátria?
O que dizem? De onde vêm?
E quem está por trás deles?
E quem além de você sonha com eles? (SZYMBORSKA, 2020, p. 176)

Os antepassados, no poema em questão, não são tratados de maneira individual, partindo da perspectiva familiar e afetiva sobre os mortos do eu lírico do primeiro poema. Aqui, os mortos são de todos, estão relacionados a uma concepção da memória coletiva. As perguntas são direcionadas ao outro, a todos nós. Somos partes de um todo social, de uma memória cultural (ASSMANN, 2011, p. 37) que guarda e honra os seus mortos. E, como consequência disso, dentro de um processo natural de memorização, sonhamos com eles.

A pergunta inicial do poema não é “se sonhamos com eles”, a pergunta é “em que circunstâncias sonhamos com eles?” –partindo do pressuposto de que todos temos com frequência esse tipo de sonho. Essas circunstâncias são, então, exploradas de diversas formas ao longo do poema e partem dos possíveis diálogos traçados com os nossos mortos no plano onírico: como eles aparecem, quem aparece primeiro, qual seu nome e sobrenome (mais uma vez, é destacada a importância que temos enquanto guardiães dos falecidos por meio do registro e da identificação de seus nomes, assim como na lenda mnemônica do poeta grego Simônides).

Nos versos seguintes, encontramos questionamentos sobre a maneira como guardamos os rostos dos nossos mortos (“Seus rostos se parecem com as fotos?”). As fotografias representam a importância dos objetos de recordação e servem como referência para o próprio ato de recordar. Apesar disso, não são objetos limitadores da imagem que guardamos de nossos falecidos, pois ela está em constante transformação na teia da nossa memória. Tanto as fotografias quanto os objetos que, nos sonhos, são carregados pelos mortos podem ser transformados pela ação do tempo e pela maneira como os encaramos, podem, de fato, parecer menos nítidas e mudar “conforme as diversas parte de sua vida que evocamos” (HALBWACHS, 1990, p. 74).

O poema toma, ainda, um outro rumo: questiona as experiências vividas pelos mortos, as fatalidades, as circunstâncias de suas mortes e dos sentimentos que carregam:

Seus rostos se parecem com as fotos?
Envelheceram com o passar dos anos?
Estão rijos? Abatidos?
Os assassinados conseguiram sanar as feridas?
Ainda se lembram de quem os matou?

O que têm nas mãos? —descreva esses objetos.
Estão deteriorados? Enferrujados? Carbonizados? Apodrecidos?
O que têm nos olhos —ameaça? súplica?
Qual?
Ou vocês só conversam sobre o tempo?
Sobre pássaros? Flores? Borboletas?

Da parte deles nenhuma pergunta embaraçosa?
E você então o que lhes responde?
Em vez de se calar com cautela?
De modo evasivo mudar o assunto do sonho?
Acordar a tempo? (SZYMBORSKA, 2020, p. 176)

É interessante notar como o poema szymborskiano versa com um certo humor sobre as possibilidades dos assuntos tratados nas conversas entre os vivos e os mortos, sobre as perguntas embaraçosas que eles podem fazer aos vivos ou sobre como os vivos, de modo evasivo, podem mudar o assunto do sonho (como se tivesse um controle consciente sobre ele – ironia) e acordar bem a tempo de fugir da situação não tão agradável imposta pelos seus mortos. Não há como negar que Szymborska, sem se entregar completamente ao trágico ou ao patético, aborda temas filosóficos, existenciais e humanos com uma dose perspicaz de humor e ironia.

Vejamos, agora, as primeiras estrofes do poema “Vida difícil com a memória”, publicado originalmente no livro *Tutaj (Aqui)*, de 2009:

Sou um péssimo público para a minha memória.
Ela quer que eu ouça sua voz incessantemente,
mas eu me agito, tusso,

ouço e não ouço,
saio, volto e saio de novo.

Ela requer todo o meu tempo e atenção.
Quando durmo, é fácil para ela.
De dia já nem tanto, o que a magoa.

Me propõe zelosamente velhas cartas, fotos,
resolve fatos importantes e desimportantes,
devolve a vista para paisagens ignoradas,
e povoa-as com os meus mortos. (SZYMBORSKA, 2016, p. 278)

Nesses versos, o eu lírico se coloca como um “péssimo público” para a sua memória, reforçando a dificuldade de conviver com ela, em uma relação turbulenta de idas e vindas (“ouço e não ouço, saio, volto e saio de novo”). Entendemos, também, que há alguns momentos mais agradáveis para a memória do que outros. Momentos que tornam a sua presença inevitável: “Quando durmo, é fácil para ela / De dia já nem tanto, o que a magoa”. “Quando durmo” faz referência aos sonhos, aqueles que são invadidos pelas recordações, pelas velhas cartas e fotos, pelas paisagens povoadas com os seus mortos.

Nos seus relatos sou sempre mais jovem.
Isso é bom, mas por que sempre essa história?
Cada espelho me dá outras notícias.
Irrita-se quando dou de ombros.
E então se vinga remexendo todos os meus erros,
graves, mas que já não pesam.
Me olha nos olhos, espera minha reação.
Por fim me consola; podia ter sido pior.
Quer que agora eu viva só para ela e com ela.
De preferência num quarto escuro e fechado,
mas nos meus planos ainda figuram o sol presente,
as nuvens atuais, as estradas correntes.
Às vezes fico farta de sua companhia.
Proponho nos separarmos. De hoje para sempre.
Então sorri com complacência,
sabe que também para mim seria uma condenação. (SZYMBORSKA, 2016, p. 278)

Observamos, assim, uma relação conflituosa entre o eu lírico e as marcas deixadas pelo tempo. Os diferentes rostos refletidos no espelho, os erros remexidos. A memória revive, mas também consola: “Por fim me consola; podia ter sido pior”. Vista como um peso, ela é a representação de tudo que ficou para trás, de tudo que deixou de ser. Lidar com a memória não é tarefa fácil, ela quer que o eu lírico viva só para ela e com ela, em um quarto escuro e fechado. No entanto, esse pesar não o desanima, pois afirma que há, em seus planos, a figura do sol presente, as nuvens atuais, as estradas correntes.

A voz do poema de Szymborska, ainda que povoada por recordações, pela presença daquilo e daqueles que se foram, sabe que a vida não acabou. Entende, também, que, mesmo farta de sua companhia, mesmo propondo uma separação, viver sem memória, sem as paisagens povoadas por seus mortos, isso, sim, seria uma condenação: “Então sorri com complacência, / sabe que também para mim seria uma condenação”.

Considerações finais

Sem interrupção da corrente de pensamentos no interior do círculo em que viviam os mortos, como aponta Halbwachs (1990, p. 74), a memória persiste e apenas o corpo desaparece. Existe, de fato, um poder na memória: o poder que ela tem sobre a morte e, por conseguinte, sobre a destruição (ASSMANN, 2011, p. 40), preservando, por meio da afetividade, a presença dos que já se foram. Sendo a família um espaço em que essas memórias são mantidas e reavivadas, a imagem evocada dos mortos torna-se uma constante nas mais diversas manifestações desse espaço, inclusive no fecundo e acessível campo de exploração dos sonhos (inconscientes, mas reestruturados no âmbito da escrita poética) daqueles que ficaram e que, por essa razão, honram e guardam os seus mortos.

Ao analisarmos a obra poética de Wisława Szymborska, observamos uma presença significativa e pulsante da memória por meio da memorização onírica dos mortos. Seus poemas traçam um diálogo desafiador com os sonhos e nos faz lançar um novo olhar para a memória, um olhar que transita entre as faces do consciente e do inconsciente, da memória individual e da memória coletiva, da memória que reconstrói o passado. Por meio das análises, constatamos o mundo onírico enquanto possibilitador dessa memorização em Szymborska, compreendendo, assim, como a natureza dos sonhos se entrelaça com a memória e como ela é capaz de comunicar e reforçar o nosso papel enquanto guardiões de nossos mortos. Essa é uma das diversas possibilidades de análise da poesia szymborskiana.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITTO, Paulo Henriques. Poesia e memória. In: PEDROSA, Célia (org.). **Mais poesia hoje**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 124-131.
- HALL, James A. **Jung e a interpretação dos sonhos**: manual de teoria e prática. São Paulo: Cultrix, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav (org.). **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 16-99.

PRZYBYCIEN, Regina. A poesia de Wislawa Szymborska: a história vista das margens. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 7, n. 10, p. 23-36, 2005.

PRZYBYCIEN, Regina & BOROWSKI, Gabriel. Prefácio. In: SZYMBORSKA, Wisława. **Para o meu coração num domingo**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien e Gabriel Borowski. Edição bilíngue: português/polonês. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 13-15.

SWIATKIEWICZ, Teresa Fernandes. Pós-fácio: Um inconcebível acaso. In: SZYMBORSKA, Wisława. **Um inconcebível acaso**. Concepção, selecção de poemas, tradução e posfácio de Teresa Fernandes Swiatkiewicz. Lisboa: Edições do Saguão, 2023, p. 115-123.

SZYMBORSKA, Wisława. **Um amor feliz**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. Edição bilíngue: português/polonês. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SZYMBORSKA, Wisława. **Para o meu coração num domingo**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien e Gabriel Borowski. Edição bilíngue: português/polonês. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.